

CRISTIANISMO E MORTALIDADE	AMALVADO MIRANDA NOVARO
Luís Alberto de Castro Figueira	VALERIA FERREIRA VIANEIRO
PRESENTE DOS DIÁSPORAS: A DIBUIXADA	Aminda Mesquita (coord.)
MILANOS DE MILANESI MILANESINIS	SILVIA TERRA DE MIRANDA
Antonio Carlos Cavallho	COORDENAÇÃO TORRENTEIA
11/7 - ITINERÁRIO DE POEMAS	Carlos Figueira
Miriam Assor	PROLEGÓMENO DO CONSENTO
DIVINIDADE MARITIMA - ASPIRANÇAS	Maria Regina Santos
DE UM POVO	CULTURA POLITICA
Alcides Torres	Fernanda Pereira Marques
ANARQUISMO E NICOLAISSMO	ODIEI O HISTORIADOR PLOCA
FERRERIA DE CASTRO NAS	E JORNALISMO DE INVESTIGAÇÃO
ENRIQUE LINDAS DO SÉCULO	Oscar Mascarenhas
Ricardo António Alves	PRÓXIMO DE ANSIAIS - ENRIQUE LINDAS
PERÍODO DE PARTIDA, PERÍODO DE CHEGADA	E O PLANALTO
ALMAGARÃO PORTUGUESA	Fernando Augusto de Figueiredo
XXXX	INTRODUÇÃO AO ESTUDO DOS PARLADOS
DIREITO DE TRANSFORMAÇÃO	POLÍTICOS E SISTEMAS ELEITORAIS
João Campos	Fernando Pereira Marques
DEBONÁRIO PSICOLÓGICO DE VARIANÇAS	VIRGÍLIO FERREIRA EM TÓRRA
Carlos Cer e Silva	ENRIQUE LINDAS E A PALAVRA TOTAL
DO QUARTO DE BORNAR PARA O MUNDO	Rosa Maria Godinho (coord.)
JOVENS E MELDIAM PORTUGAL	AO LENTO ARDOR DA VERZ - ESTUDOS
Giuseppe Cardoso, Rita Espanha e Tiago Lapa	SOBRE JOÃO DE ARVILHO CORRÊA
CALTE ANCORIA D'OURO - PROJETO	Ana Ribeiro
UM SÉCULO DE VIVENÇAS (2.ª edição)	
Alfredo Mendes	
ASPECTOS TÉCNICOS DE VITICULTURA	
BASTADOS NA CASTA BAGA	
Anabela Andrade	
AS MINAS DE ERVEDOS (1906-1969)	
ELEGE DE MEMÓRIA E NARRATIVA	
Cláudia Basto Fernandes	
PORTO - NAÇÃO DE PALARES (2.ª edição)	
Alfredo Mendes	
OS JUDEUS NO NOROESTE	
DA PENÍNSULA IBERICA	
João Domingos Gomes Santhos	
PRODUZIR E BEBER - A QUESTÃO DO	
VINHO NO ESTADO NOVO (1929-1939)	
Duarte Freire	
A QUESTÃO DA ÉTICA PÚBLICA	
NO SÉCULO XXI	
Alcides Torres	

(Organização:

Ana Paula Coutinho

Isabel Feres de Lima

Joana Matos Frias

Jorge Costa Lopes

Vergílio Ferreira

Escrever e Pensar ou O Apelo Invenível da Arte

SANCTI ET PENSAMENTI
SOBRE DOIS ENSAIOS DE VIRGÍLIO FERREIRA

JOÃO TIAGO LIMA

Departamento de Filosofia da Universidade de Évora
CICP – Centro de Investigação em Ciência Política

Sabe-se que, para Vergílio Ferreira, a criação romanesca é muitas vezes inseparável do gesto ensaístico ou mesmo da reflexão filosófica propriamente dita. Como afirma em *Um Escritor Apresenta-se*: “A filosofia no romance é uma encarnação. As ideias em arte têm sangue” (Ferreira 1981: 112). E, de facto, parece indiscutível que se, por um lado, os romances de Vergílio Ferreira respondem, antes de mais, ao objectivo de “por um problema” (*ibidem*), por outro, o modo como essa resposta é perseguida torna-se quase sempre também muito estimulante do ponto de vista filosófico. Que filosofia? Penso que a fenomenologia mais do que o existencialismo. Fenomenologia não tanto no sentido da sua matriz originária husserliana, ou seja, o projecto de uma construção eidética ou de uma ciência fundamental, mas sobretudo nas suas ramificações que privilegiaram a linguagem como questão decisiva: é o caso de Merleau-Ponty, Ricoeur, Gadamer ou até Derrida que, na sua radical heterogeneidade, nunca renegaram uma herança comum que passa em todos eles, por Husserl e Heidegger. Ainda assim, Vergílio Ferreira não deixou nunca de distinguir claramente os seus romances dos seus livros que foram concebidos como ensaios. É o caso de *Invocação ao Meu Corpo*, obra cuja redacção perfaz agora precisamente meio século, embora tenha sido editada apenas três anos depois (1969), com um *post-scriptum* dedicado a Maio de 68. Sobre este livro, escreve Vergílio Ferreira, no II volume da Nova Série de *Conta-carrente*, o seguinte:

Por que não o meu *Invocação ao Meu Corpo* não tem tido praticamente uma palavra de apreço? Porque é que os mestres da filosofia sobretudo da “portuguesa” ainda não repararam que esta é talvez (talvez) uma obra não desprezível entre nós. Não estou a trabalhar, podem crer. (Ferreira 1993: 394-395)

Este desabalo magoado, com a data de 29 de Dezembro de 1990, ocorre quando o escritor se encontra a preparar o livro *Pensar*, ensaio que terá a sua primeira edição em 1992, e essa circunstância talvez não seja totalmente fortuita. O presente trabalho visa indagar a importância que os dois ensaios mencionados (*Invocação ao Meu Corpo* e *Pensar*) detêm não apenas no percurso intelectual do escritor — e não há dúvida que ambos são livros de uma enorme pregnância literária, dado que há neles, embora não com a mesma intensidade, creio, uma espécie de *sangue em pensamento* —, mas também no panorama do pensamento filosófico em Portugal da segunda metade do século XX.

Invocação ao Meu Corpo é um livro que, do meu ponto de vista, talvez assinale o final de um período no percurso de Vergílio Ferreira, pois a sua escrita é mais ou menos contemporânea, senão mesmo posterior, à elaboração do romance *Alegria Breve* (1963-1964) e, por outro lado, o período que medeia entre a sua redacção e a sua publicação tudo indica que corresponda ao tempo da elaboração e da escrita do romance seguinte *Nitido Nulo*, isto é, entre 1966 e 1969 (Rodrigues 2007: 126). Ora, esta época de *Alegria Breve* e *Nitido Nulo* marca, de novo na minha perspectiva, uma ruptura importante não só no trajecto romanesco de Vergílio, como na tessitura da sua própria obra vista como um todo. Relembro que 1 de Fevereiro 1969 é o primeiro dia que figura no volume inicial de *Conta Corrente*. “Fiz cinquenta e três anos há dias” (Ferreira 1980: 11) é, como se sabe, a frase com que abre o diário. Assim, mesmo que a tentação diarista de Vergílio fosse bastante anterior, como a publicação pós-uma do chamado *Diário Inédito*, referente aos anos entre 1944 e 1949, notoriamente ilustra, julgo que a escrita e a publicação (importa neste caso distinguir estes dois gestos que, sendo afins, implicam consequências diversas) de *Conta Corrente* assinalam, de facto, um *tempo diferente* no modo como aquele a quem Eduardo Lourenço chamou “o nosso romancista-filósofo por excelência” (Lourenço 1993: 128) perspectivava a sua própria condição de romancista e, no fundo, também de escritor. O que significa, para o

autor de *O Labirinto da Saudade*, esta expressão *romancista-filósofo*? Ninguém ignora — e o próprio Vergílio Ferreira nunca o escondeu, como já referi — que a filosofia desempenha um poderoso papel interpretativo na criação romanesca do escritor de *Aparição*. Todavia, como lembra o mesmo Eduardo Lourenço, importa realçar que, no caso de Vergílio, as relações entre filosofia e ficção não são tão simples como à primeira vista poderiam parecer:

Nenhum dos nossos escritores acompanhou com tanta paixão o teatro histórico e cultural onde o destino do mundo nos anos 40 e 50 e mesmo seguintes se tem jogado. Mas por mais importante que tenha sido esse envolvimento e os fantasmas que dele se infiltraram ou encarnaram em personagens nos seus romances, são poucas coisas comparada com os fantasmas do seu teatro privado, uma facea com as contas relativamente saldadas consigo e o mundo. São elas a matéria da sua *Conta Corrente*, pura ficção e não arquitectura transparente como é, em princípio, a do mundo especulativo. (*idem*: 130)

Dito por outras palavras, não há propriamente em Vergílio, pelo menos de acordo com Eduardo Lourenço, uma mera transusão das ideias para o sangue do romance. Nos melhores livros que escreveu (e é, quanto a mim, bastante significativo que essa avaliação difira ainda hoje — ou porventura mesmo hoje mais do que nunca — quase de leitor para leitor), Vergílio soube desenhar um território singular em que a teia unida entre ficção e filosofia não só resistem a qualquer aproximação exclusivamente parcial, tornando irrelevantes perguntas acerca de onde começa e termina uma e outra, como proporcionam ainda inesquecíveis experiências de leitura. No entanto, penso que a revisão dos primeiros títulos do escritor se revela também muito instrutiva, pois, nos últimos livros de Vergílio, o seu apuro, quer estilístico, quer reflexivo atinge um nível que, na primeira fase da sua obra, me parece menos fácil de descorinar.

Por exemplo, julgo que *Pensar* ou *Em Nome da Terra* são livros mais poderosos que *Invocação ao Meu Corpo* e *Aparição*. Todavia, este juízo (que certamente não será partilhado por todos os leitores) não se explica apenas por razões que uma evolução do autor ajudaria a compreender. A minha leitura é outra, pois creio que, quer *Invocação ao Meu Corpo*, quer *Aparição* se assumem como projectos excessivamente

compartimentados, dado que um é concebido e apresentado como ficção e o outro como filosofia. Ora, é essa compartimentação que, do meu ponto de vista, enfraquece um pouco ambos os títulos, pois fico com a ideia de que Vergílio, em *Aparição*, quer filosofar dentro do romance e, em *Invocação ao Men Corpo*, o romancista se intrinseca excessivamente no que à partida deveria ser a “arquitetura transparente (...) do mundo especulativo”, para usar as palavras de Eduardo Lourenço. Tal intrinsecação não é, em si mesma, necessariamente nefasta. Por exemplo, algumas das frases do primeiro parágrafo do capítulo intitulado “Coordenadas”, com que abre *Invocação ao Men Corpo* – começo que, de resto, como bem notou Fernando Irene Fonseca, é “muito semelhante ao do romance *Aparição*” (Fonseca 1990: 281) – são um vigoroso testemunho das melhores qualidades do magnífico prosador que Vergílio Ferreira indubitavelmente é:

Pela noite fechada de silêncio, escrevo. É uma noite de Inverno, limpa, definitiva, uma evidência brilha, na sua linearidade, no diagrama das estrelas... Olho-a, ouço-a. Todas as vozes obscuras, como bichos nocturnos, sobem ao limite do meu espanto, da minha vigília. São as vozes da minha gravidade, da flagrância terrível, do excesso que me violenta. Estão aí, falam. Vêm na opressão da montanha, toda aberta à minha frente, do espaço irradiado, do silêncio que cresce desde a imobilidade da Terra. (Ferreira 1978: 13)

No entanto, talvez porque movido pela preocupação de apresentar as *suas ideias* e sobretudo de as conter nos limites excessivamente arquitectónicos de uma estrutura sistemática ou até pela não disfarçada vontade de conferir um tom de uma certa exuberância erudita, o autor não consegue manter a mesma intensidade nas páginas seguintes que, em meu entender, revelam uma qualidade desigual. A perspectiva que aqui defendo – no que se refere à comparação entre *Aparição* e *Em Nome da Terra* – não anda, de resto, muito longe do que, numa crítica publicada por ocasião da saída do romance *Promessa* que, embora redigido em 1947, apenas foi publicado postumamente em 2010, escreveu António Guerreiro, para quem:

Este romance [*Promessa*] leva aos últimos limites uma pulsão filosófica própria de Vergílio Ferreira e que, relida hoje (mesmo

naquela que foi considerada uma das suas manifestações mais conseguidas, em *Aparição*), revela-se pouco resistente à passagem do tempo. (Guerreiro 2010: 13)

Segundo António Guerreiro, e nisto a sua interpretação se demarca da de Eduardo Lourenço, tudo se passa como se Vergílio desejasse *intradizer*, numa espécie de transição demasiado artificial (obedecendo assim à tal *pulsão filosófica*), as ideias filosóficas na construção ficcional que assim corre o risco de colgular (esta expressão é minha). De acordo com o crítico, o romancista soube mais tarde ultrapassar este impasse, pois

é precisamente quando se torna muito mais livre em relação às suas referências filosóficas e às suas fidelidades estéticas e chega a uma forma de romance muito mais adequada a uma modernidade literária, que frequentou lucidamente, que Vergílio Ferreira chega ao momento mais alto do seu percurso. (...) Surge aí (...) muito mais liberto da ganga filosófica que o limitou, chegando finalmente a uma forma dotada de uma maior necessidade estética das ideias, (*libertação*)

Será que, por outro lado e tal como António Guerreiro defende em relação aos romances vergilianos, existe uma maior *necessidade estética das ideias* em *Pensar* do que, por exemplo, em *Invocação ao Men Corpo*? O que nos têm a dizer hoje, enquanto ensaios filosóficos, estes dois livros?

Devo insistir neste ponto: as interpretações de António Guerreiro e de Eduardo Lourenço não são inteiramente coincidentes. Com efeito, para Eduardo Lourenço, aquilo a que António Guerreiro chama *ganiza filosófica* reveste-se, no caso de Vergílio, de uma matéria distinta. Desde logo, porque, como recorda Eduardo Lourenço, Vergílio contrapõe filosofia, entendida como encadeamento arquitectónico de *ideias puras*, e arte, de que o romance constitui exemplo privilegiado e no qual, como atrás se viu, “as ideias têm sangue”. Mas, se for esse o caso, por que motivo Eduardo Lourenço considerava ser Vergílio o “romancista-filósofo”? Em que é que ficamos? Filósofo ou anti-filósofo?

Vejamos o que o próprio Vergílio Ferreira diz de si mesmo enquanto ensaísta, quando fala precisamente de Eduardo Lourenço. *Invocação ao Men Corpo* constitui o que o seu próprio autor, no primeiro volume

de *Conta Corrente*, designa por “livro total” (Ferreira 1980: 26). Vale a pena retomar esse passo do seu diário:

2-Março (domingo). Ontem, carta do [Eduardo] Lourenço. Ao meu incantamento que escreva o seu livro, responde agora com desinteresse. Sempre pensei que ele era a pessoa indicada para realizar entre nós um livro total, género *As Luzes do Silêncio* ou *O Homem Revelado*, qualquer coisa que no domínio do ensaio-emoção exprima a própria voz do autor, não viva na dependência do que fizeram os outros (que é o generalizado ensaio entre nós), que dê o balanço dos próprios problemas. Tenho-o tentado (*Conta ao Fimado* e agora *Inovação ao Meu Corpo*). Mas penso que o Lourenço tem evidentemente um grande lugar a preencher. Boa massa de leituras, memória pronta, estilo insinuante. Falar-lhe-ão os problemas próprios? Não terá coragem de os confessar? Diz-me que o que havia a dizer sobre o nosso tempo português, já o dissemos nós. [Agustina] Bessa-Luis, eu, outros. Entre esses outros, uma estudante, Maria Isabel Barreno, que está a ler com entusiasmo. (*thickm*)

Este passo de *Conta Corrente* merece sem dúvida uma análise mais pormenorizada em que, por exemplo, se avalie a pertinência da categoria *ensaio-emoção* para textos tão diferentes entre si como os livros referidos de André Malraux e de Albert Camus. Porém, o presente contexto exige que me centre na ideia de *livro total* que, de acordo com Vergílio, o seu amigo Eduardo Lourenço parece cada vez menos interessado em escrever. A que se deverá tal desinteresse, supondo que ele realmente exista? Vergílio vai mais longe quando pergunta: “Falar-lhe-ão [a Eduardo Lourenço] os problemas próprios?” Estou convencido que Eduardo Lourenço não se apressaria a desmentir este diagnóstico, ainda assim algo cruel, do seu amigo. Desde logo, porque Eduardo Lourenço não descortina — a meu ver, erradamente, mas essa é outra questão — entre as suas qualidades a inventividade que atribui a escritores como Agustina ou ao próprio Vergílio. Por isso, confessa Eduardo Lourenço:

De facto, não sou poeta, por isso deixei de escrever versos: a pul-são poética passou para os textos ensaísticos. E não sou ficcionista, embora a ficção não esteja ausente de muitos desses textos. (Lourenço 2003: 152)

Orá, se no ensaísmo de Eduardo Lourenço se pode com efeito perceber ainda o que ele mesmo designa como *palavra poética* ou dimensão ficcional, será que acontece o inverso nos ensaios de Vergílio Ferreira? Como se relacionam a filosofia e ficção? O que significa este *ensaio-emoção* que Vergílio diz tentar escrever e ao mesmo tempo *anusa* Eduardo Lourenço de não querer *ensaiar*? Trata-se, antes de mais, de um ensaio no qual se “exprima a própria voz do autor”. Para tal, é necessário ter coragem de confessar quais são os *problemas próprios* do ensaísta. O livro total é aquele em que o autor se dá numa essencial inteireza.

Dai que, na minha opinião, faça todo o sentido recuperar o que Eduardo Lourenço diz do ensaísta Vergílio Ferreira, num passo que, embora longo, me parece ser de irreversível leitura:

Não é assim, pois, tão contraditório como poderia parecer que o nosso opostrar à filosofia (enquanto “cadeia de razões”, para lembrar Descartes) tenha sido ao longo da vida um tão constante e apaixonado leitor de filósofos e de filosofias. Todos quantos o lerem sabem como são permanentes as referências aos pensadores-guias do nosso tempo. Mas os mesmos leitores terão notado até que ponto os *pensamentos* de tais pensadores — de Sartre a Heidegger, de Camus a Merleau-Ponty, de Foucault a Deleuze ou Derrida — o interessam menos como expressões de um *conhecimento objetivamente votacionado para atingir* uma verdade *intencionalmente independente do sujeito* do que como heróis duma saga teórico-emocional em que está em causa a sorte do *eu* como subjectividade radical, como realidade em si mesmo pensada, isto é, como vergiliana *apurição*. Por isso não interessa muito saber se Vergílio Ferreira compreendeu ou não os múltiplos filósofos ou filosofias que o fascinaram. Vergílio Ferreira circula sempre numa certa exterioridade dos seus textos, atento sobretudo à sua significação mítica, traduzindo-os sempre para Vergílio Ferreira, alimentando-se deles ou repudiando-os em função das suas próprias e irreduzíveis *vidências*. (Lourenço 1993: 120)

Será certamente abusivo ler esta interpretação que Eduardo Lourenço elabora do ensaísmo vergiliano como uma *resposta directa* à acusação do amigo, segundo a qual ao autor de *Fernanda Rei da Nossa Breviaria* faltam problemas próprios ou até coragem para confessar quais sejam. No entanto, este, por sua vez, não deixa de

dizer com não menor crueldade que, no caso de Vergílio, *não interessa muito saber se compreenda, ou não*, os filósofos que o fascinaram. Ou seja, Eduardo Lourenço admite que essa incompreensão possa ter acontecido. Mas, por outro lado, diz que essa questão *não interessa muito*. Porque? Porque, de acordo com Eduardo Lourenço, a filosofia e os filósofos interpelam Vergílio Ferreira apenas e na medida em que este os *trabalha para Vergílio Ferreira*. Por outras palavras, parece que o que falta a Eduardo Lourenço em problemas próprios (ou em confessar quais eles sejam) sobra em Vergílio Ferreira em “próprias e irreduzíveis evidências” ou, caso se prefira colocar a questão de outra forma, ele é o próprio herói da *segunda teoria-emocional* que se joga na sua escrita como experiência dos limites.

Se esta hipótese hermenéutica tem razão de ser – e sinceramente acho que tem – isso ajuda a explicar melhor, por um lado, o aparecimento de *Conta Corrente* (volumes que, afinal, são de “para ficção”, para citar de novo palavras de Eduardo Lourenço) e sobretudo o modo como o diário surge como um elemento catalisador dos últimos romances de Vergílio. Mas também *Pensar* é deverdor do que se pode chamar *ensaio-diarístico*. Nele o ensaísta Vergílio Ferreira parece libertar-se da irreducibilidade das suas evidências. Agora as ideias encontram um equilíbrio mais seguro com a sua “necessidade estética”. Dois exemplos, apenas, daquilo que, para mim, corresponde não apenas ao melhor que Vergílio alguma vez escreveu, seja em romance, seja em ensaio, mas também que faz parte sem dúvida do melhor que o pensamento português da segunda metade do século passado foi capaz de criar. O primeiro fragmento versa sobre o modo como se tecem as nossas leituras e os problemas que se apropriam de nós:

Uma biblioteca é quase tão pessoal como as impressões digitais. Ela forma-se como os problemas que nos formaram a nós e outros virão a abandonar. A cultura de cada um orienta-se pela do tempo que lhe calhou no provisório definitivo desse calhar. E cada geração refuta a anterior, não porque a refute, mas por achá-la desinteressante. Que montão de obras postas de parte ou simplesmente varridas para o lixo. Cada nova geração triunfa da anterior pela razão sumária de que a vida está do seu lado. O que envelheceu num homem não é só o que envelheceu mas também o seu modo de ter razão, que é a razão de ser dos problemas que o preocuparam. Não se progride com os novos.

muda-se de constelação. Entre um jovem e um adulto a polémica é de clubistas. As razões de uma cultura, porque exprimem como quis-quer outras não o que são em razões mas em evidências anteriores, são vencidas apenas por já não servirem. Toda a idade faz sistema e só se entende uma discussão, mesmo que não leve a lado nenhum, se as coordenadas são as mesmas. (Ferreira 2013: 61)

Julgo que este parágrafo constitui uma esplêndida chave de leitura para perceber os percursos heterodoxos quer de Vergílio Ferreira, quer de Eduardo Lourenço em relação à ruptura geracional que ambos viveram e da qual ambos se vieram a afastar. Por exemplo, será que a passagem do presentismo para o neo-realismo não ganha em ser perspectivada com esta frase: “Não se progride com os novos. Muda-se de constelação.”?

O segundo excerto fascina-me pela incrível precisão no modo como as ideias reclamam a sua necessidade estética da forma mais tranquila e suave possível:

Ir ver o mar. Vê-lo de vez em quando e sempre com a mesma fascinação. Que é que vem dele para assim nos fascinar? A sua força imensa diante da nossa pequenez. O mistério visível e inquietante porque é o invisível da sua visibilidade. O irrisório da sua absurda convulsão e o aceno indistinto que vem de trás do horizonte e não sabemos o que é. O aroma a espelho, uma memória confusa de aventura, o sinal presente da sua infinidade ausente, a dilatação de nós a um poder imenso, um certo conluio com Deus. (*idem*: 114-115)

Como ler este texto. Ficção? Ensaio? Uma e outra coisa? Pouco importa. Para mim, verdadeiro sangue em pensamento.

Referências Bibliográficas

- FERREIRA, Vergílio (1978), *Invocação ao Meu Corpo*, Lisboa, Bertrand, 2.^a edição.
- ____ (1980), *Conta-corrente I*, Lisboa, Bertrand, 2.^a edição.
- ____ (1981), *Um Escritor Apresenta-se*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ____ (1993), *Conta-corrente – Nova Série 2*, Lisboa, Bertrand.

- (2013). *Pensar*. Lisboa, Quetzal, 2.ª edição.
- FOSSECA, Fernando Irene (1990). "Da Subjetividade do Corpo à Subjetividade da Linguagem – Uma leitura de *Invocação ao Aní Corpo* de Vergílio Ferreira". *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. 7, 1990: 259-285.
- GILBERTO, António (2010). "Revisitação", Suplemento Actual de *Expresso*, Lisboa, 12/VI/2010: 12-13.
- LORRUSO, Eduardo (1993). *O Círculo do Signo – Existência e Literatura (1957-1993)*. Lisboa, Presença.
- (2003). "O que eu queria mesmo era voar", entrevista por José Carlos de Vasconcelos, *Fusão*, Lisboa, 22/VI/2003: 149-154.
- RODRIGUES, Isabel Cristina (2007). "Vergílio Ferreira, o Náufrigo da Pátria", (AAVV), *Vergílio Ferreira no Cinquentenário de "Mambá Submersa"*, Lisboa, UCP: 111-144.

VERGÍLIO FERREIRA E O DESPORTO

VITOR LÓ

Historicamente, a palavra *desport* ou *disport*, era utilizada na Idade Média para designar distração, divertimento. Segundo Pierre de Coubertin, este período conheceu um espírito desportivo de intensidade e brilho, provavelmente superior àquilo que conheceu a própria antiguidade. Desde a recreação, à militarização, à saúde, à educação, as preocupações com o corpo cresceram paulatinamente e constataram-se sucessivas mudanças de paradigma, relativamente às questões mais oscilantes e pertinentes do desporto.

O desporto contemporâneo nasceu na Europa na segunda metade do século XIX (outros historiadores referem que foi em pleno séc. XVIII, em Inglaterra, no contexto da Revolução Industrial e de um capitalismo emergente) (Terrei 2008), aquando da sociedade capitalista industrial, centrada sobre o triplice princípio: eficácia, rendimento, progresso. Desporto e sociedade numa interligação evidente e jamais indissociável, sob a égide do rendimento. Várias são as obras romanescas de Vergílio Ferreira onde descreve as discrepâncias então existentes e cuja relevância é emergir tão-só o processo de alienação social da população portuguesa do século XX.

Sabe-se, consciente e convictamente, que o desporto é um fenómeno marcante e inevitável – a sua relevância e atualidade são indiscutíveis. O seu papel interpelante e apelativo, em amplitude incomensurável, provoca, estimula e espiciga interesses em todas as áreas do conhecimento. Todo e qualquer indivíduo tem sempre algo a dizer e a acrescentar sobre desporto, mais concretamente sobre futebol. Sabemos de antemão que